

16 JUN 1988

## Não é com TV que o Congresso se reabilitará

O Congresso Nacional passará a ter, dentro em breve, um programa diário de cinco minutos nos meios eletrônicos de comunicação para divulgar suas atividades. Desta forma, deputados e senadores esperam desfazer o péssimo retrato que eles mesmos traçaram de si próprios nos últimos anos — indolentes, oportunistas, fisiológicos, cheios de preconceitos nacionalistas e estatizantes, que vivem mais preocupados com seus interesses do que com as grandes questões nacionais. Para colocar o programa no ar serão contratados 15 jornalistas, embora só a Câmara tenha em seus quadros 373 profissionais de imprensa e o Senado não fique muito atrás.

É por aí que começam os equívocos dos congressistas. Para divulgar o que eles acreditam ser o verdadeiro trabalho da instituição, para mostrar que muita coisa do que se diz do Legislativo não é verdade (o empreguismo, por exemplo), eles já começam aumentando a folha de pagamentos da Casa. Ademais, as atividades do Legislativo já são devidamente cobertas pelos órgãos de imprensa ligados à empresa privada e pelos minutos que o Congresso dispõe no noticiário oficial **A Voz do Brasil**.

A imprensa relata o que se passa, não produz os fatos. Como não podem censurar jornais, revistas, rádios e tevês para conformar os fatos a seus interesses, o que os parlamentares estão pretendendo com o seu "programa" é, simplesmente, produzir um boletim oficial, controlado — um **Pravda**. Onde, como acontecia no **A Verdade** soviético antes da **glasnost**, os espetáculos desagradáveis que eles encenam — os plenários vazios, a ação dos pianistas, os altíssimos salários, o magote de parentes empregados — nunca serão notícia.

Como os burocratas soviéticos estão desabrindo agora, mesmo em países onde a liberdade de imprensa é apenas um sonho, a verdade oficial nunca é a única verdade. Portanto, não será com um programinha diário de cinco minutos que o Congresso irá reabilitar-se diante da opinião pública. Não será, também, apenas com a punição de dois gazeteiros contumazes — que, aliás, fizeram muito menos mal à instituição do que certas presenças constantes em Brasília — que os congressistas irão melhorar sua reputação. Essa reputação só será modificada para melhor quando mudarem sua conduta, quando começarem realmente a atuar pensando unicamente no que é bom para o país.

E, neste momento dramático, pensar no que é bom para o país é pensar na maneira de livrá-lo da hiperinflação.

É sob esse ângulo parece que nada mudou no Congresso. Basta ver o que está ocorrendo com o projeto do deputado José Serra para a Lei de Diretrizes Orçamentárias do próximo ano. O deputado paulista preparou um minucioso e competente trabalho, visando disciplinar a máquina estatal e conter os gastos públicos, única forma de combater de fato a inflação no Brasil. A única crítica que se pode fazer à proposta é quanto à sua moderação. Serra tem plena consciência de que o que ele sugeriu ainda está muito aquém do necessário para acabar com a orgia com o dinheiro público que se pratica em nosso país. Mas não pôde ir além em função de empecilhos políticos: partidos e políticos são partícipes e beneficiários dessa orgia.

E, mesmo assim, o projeto do deputado paulista está sendo bombardeado. Nada menos de 170 destaques (emendas para votação em separado) foram apresentados na Comissão Mista de Orçamento e Finanças, a imensa maioria destinada a tornar mais suaves os cortes nas despesas. A vontade de desfigurá-lo é ampla, geral e irrestrita. Tem gente que quer acabar com a limitação de gastos com pessoal; tem gente que não concorda com o corte de 80% nos cargos públicos vagos este ano e de 50% nos que vagarem no ano que vem; tem gente que não aceita o fim das contribuições do governo para clubes recreativos de funcionários dos ministérios, órgãos públicos e estatais; e tem gente até que não admite que o uso de carros oficiais fique restrito ao presidente da República, aos ministros de Estado, aos presidentes dos tribunais e aos presidentes da Câmara e do Senado.

E, nas primeiras discussões, já foram abertas brechas no plano de austeridade. Por iniciativa de um deputado ligado ao governador Orestes Quércia, a rolagem da dívida externa dos estados e municípios, que deveria ficar em 75% do que vencer em 90, será de 100%. Por pressão dos deputados nordestinos e nortistas, essas duas regiões ficaram de fora do corte de 50% nos incentivos fiscais. Como a maioria desse dinheiro dos incentivos nunca foi aplicada em sua verdadeira finalidade, o que os políticos conseguiram foi manter seus cartórios eleitorais, como a indústria da seca e coisas parecidas. O projeto do deputado José Serra está nos lembrando aquela história do peixe fogado pelo pescador de Hemingway em **O Velho e o Mar**: atacado pelos tubarões de todos os lados, quando chegar ao porto (o plenário do Congresso) será apenas uma carcaça.

E tudo isso acontece num momento em que o presidente da República, diante do dramático quadro da economia brasileira, confessa sua impotência para lutar sozinho contra o monstro da hiperinflação.

Não há programa de TV que faça o povo respeitar quem demonstra tanta irresponsabilidade.